

Queiroz, Ana Isabel, Direito, Bárbara, Silva, Helena da, Pinto, Lígia Costa (coords.) (2022). *Pobreza e fome, uma história contemporânea. Temas, metodologias e estudos de caso*. Lisboa: Imprensa de História Contemporânea, 329 p., ISBN: 978-989-8956-42-2

O livro, cujo título é elucidativo sobre a temática que nele é tratado, é composto por vinte e cinco textos, repartidos por três partes, que, apesar das especificidades de cada abordagem, apresentam um conjunto de preocupações comuns. Resultado da materialização de um projeto transdisciplinar, envolvendo investigadores de diferentes áreas do saber, designadamente cientistas sociais, constitui um importante contributo para a história da pobreza e da fome no Portugal contemporâneo, bem como para o desenvolvimento do conhecimento sobre outras matérias com as quais se relaciona, casos do desemprego, das doenças, das migrações, das calamidades, entre outras.

A pobreza e a fome são realidades multifacetadas do tempo presente, cuja profundidade histórica remonta a tempos de antanho. Mais do que precisar os seus primórdios, urge analisar a sua complexidade, variabilidade e múltiplas formas de materialização, que convergem para diferentes cenários e causas explicativas. Se, no contexto português, muito se tem escrito sobre a temática, sendo de destacar os estudos no campo da história religiosa e da história social, nomeadamente acerca das Misericórdias, há, no entanto, vários domínios que ainda precisam de ser desbravados, sobretudo os relativos a Portugal Contemporâneo, em particular os que pertencem ao século XX. Importa, ainda, reconhecer que não é fácil rastrear a pobreza envergonhada, a pobreza que se esconde dos olhares públicos e que é acudida por solidariedades informais e inidentificáveis. Assim, estudar realidades que se querem esconder é um dos desafios que se impõe a quem toma as margens como matéria de investigação.

A primeira parte do livro, denominada «Temas», reúne nove textos que, no essencial, evidenciam a exposição dos mais pobres a doenças e epidemias, ao desemprego e à miséria e a muitos outros males que afetam a sociedade. O primeiro, intitulado «Vulnerabilidade e risco», de Lígia Costa Pinto, mostra, entre outros aspetos, como os desastres naturais afetam a população mais carenciada e, por outro lado, realça a necessidade de medir não a pobreza, mas sim o bem-estar, dado que este conceito não se esgota nas dimensões de carácter económico. Leonardo Aboim Pires, no texto sobre «Alimentação e Abastecimento», escreve sobre a(s) fome(s), as transformações que houve nas dietas dos portugueses e as mudanças trazidas pelo Estado Novo, evidenciando, ainda, os avanços conseguidos pela Agronomia e pela Medicina, sobretudo no campo da Nutrição. Inês Gomes, por seu lado, no trabalho a que deu o título de «Calamidades-Perdas de Culturas», trata das pragas que prejudicam as culturas agrícolas e, conseqüentemente, o abastecimento de géneros alimentares, além de aludir à ação do Estado na resolução desse problema. Filipa Soares é autora do estudo sobre «Perturbação Ambiental». A partir de um acontecimento em particular – as cheias de Lisboa, ocorridas em 1967 –, faz uma reflexão, reconhecidamente cada vez mais urgente, sobre os fenómenos naturais extremos e sobre a intervenção da mão humana nas catástrofes naturais. A propósito do tema da «Saúde», Helena da Silva, apoiando-se em dados da OMS, evidencia a persistência da fome e até o seu crescimento na atualidade, bem como o facto de, ao mesmo tempo, sobretudo no mundo ocidental, se registarem problemas de saúde associados a excessos alimentares, como é o caso da obesidade. Celia Miralles Buil, no texto sobre «Doenças Coletivas», reafirma a conexão, há muito reconhecida, entre a pobreza e as doenças/epidemias. Mariana Reis de Castro, no estudo intitulado «Fronteira», apresenta uma perspetiva deveras interessante sobre o conceito que serve de título, focando, designadamente, a sua complexidade e a relação com os conceitos de pobreza e de fome. Marta Silva e Yvette Santos debruçam-se sobre o tema da «Migração», dando particular relevo, entre outros aspetos, aos motivos que, habitualmente, justificam a decisão de migrar. No texto de Elisa Lopes da Silva, intitulado «Precarizar o desemprego: a longa história de uma categoria», são apresentadas respostas do Estado Novo ao problema do desemprego e é evidenciada a sua ligação à pobreza.

A segunda parte do livro é preenchida com oito textos que tratam, essencialmente, de fontes e metodologias. Começa com o trabalho intitulado «Dados meteorológicos e *proxies* para o estado de eventos climáticos extremos e os seus impactos na época moderna», da autoria de Inês Amorim e Luís Pedro Silva. Consiste num estudo sobre problemas colocados pelas fontes e os cuidados que as suas limitações requerem, quando se pretende reconstruir

quadros climáticos de tempos mais recuados. Seguindo uma linha próxima, Cristina Joanaz de Melo, autora de «Fontes Manuscritas do século XVIII: “Intendência das Lezírias e obras do Tejo” e “Correspondência do Conde de Valadares”», escreve sobre as inundações acontecidas no século XVIII, na bacia hidrográfica do Tejo, tomando em consideração a subjetividade que contamina algumas fontes e até a interferência da emoção quando se trata de descrever catástrofes naturais. Joana Vieira Paulino, por sua vez, em «Róis de Confessados, Registos Paroquiais e a secção Criação dos Expostos do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa», explica as fontes usadas para estudar um tema muito presente na historiografia portuguesa: o abandono e a exposição de crianças. Bárbara Direito, no texto sobre a «Imprensa Africana em Moçambique», mostra a importância da imprensa enquanto fonte para o estudo e a compreensão das crises que afetaram o sul de Moçambique, nas primeiras décadas do século XX. Carlos Augusto Ribeiro e Ana Paula Guimarães, autores de «Contos, provérbios e receitas tradicionais», partem das fontes mencionadas no título para escreverem sobre a pobreza, a medicina popular e a alimentação, entre outros assuntos. O trabalho de Ana Isabel Queiroz, intitulado «Literatura portuguesa finissecular: Fialho de Almeida, Abel Botelho, Alfredo Gallis e Raúl Brandão», propõe uma reflexão sobre a relevância do romance para analisar a fome e a pobreza em Portugal na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Luís Pereira, em «Impressões sobre a escassez: notas sobre o arquivo fotográfico», aborda os usos da fotografia e o seu aproveitamento como recurso para o estudo da fome e da pobreza em Portugal. A segunda parte da obra fecha com o estudo de Maria Alice Samara e Raquel Pereira Henriques, a que deram o título de «Contributos da História Oral. A Questão da fome no Estado Novo», que incide precisamente sobre a pobreza e a fome no Estado Novo, recorrendo a um conjunto de entrevistas.

A terceira e última parte do livro, que engloba oito textos, é dedicada a estudos de caso, que se relacionam com as duas primeiras partes da obra através da base conceptual ou das fontes e metodologias utilizadas. Começa com o texto de Frederico Ágoas sobre «Inquéritos sociais em Portugal (1880-960: contributo para a história das condições de vida)», no qual o autor evidencia a importância da fonte mencionada no título para o estudo das condições de vida em Portugal. De seguida, Ana Alcântara, no estudo que intitulou «As mulheres operárias na Lisboa do final do século XIX: caracterização dos locais de trabalho fabril feminino», aborda o trabalho das operárias na capital, com base num conjunto diversificado de fontes. David Conde Caballero, autor de «Los años del hambre em España. Uma etnografia de la(s) memoria(s) de escasez de posguerra», propõe-se resgatar memórias sobre a escassez alimentar e a fome na Espanha do pós-guerra.

Mónica Truninger, que escreve sobre a «Pobreza alimentar em famílias com crianças na região de Lisboa», desenvolve um estudo comparativo, procurando identificar fatores que levaram a situações de carência alimentar em famílias da região de Lisboa. O estudo seguinte, que leva o título «A miséria pode ter piada? Representações da fome e da pobreza no humor gráfico contemporâneo», da autoria de Paulo Jorge Fernandes, propõe uma abordagem da pobreza e da fome bem diferente da tida como habitual, já que procura mostrar de que forma temas como estes podem ser objeto de trabalhos humorísticos e como uma investigação historiográfica pode ser feita a partir de *cartoons*. Pedro Aires Oliveira é autor do trabalho intitulado «Estado, seca e fome em Cabo Verde: algumas respostas públicas no século XX (c. 1920-1990)», que versa sobre as respostas aos tempos de seca e de fome que se verificaram em Cabo Verde. Philip J. Havik escreve sobre «A nutrição como problema de saúde pública na África colonial tardia: o caso português», procurando mostrar a crescente importância conferida à nutrição no contexto colonial português em África depois de 1945, refletindo sobre as causas que justificaram a intervenção de Portugal nesse domínio, sobretudo em Angola e Moçambique. O livro fecha com o texto de Inês Ponte, com o título «Circunscrever a fome: notas sobre uma sociabilidade de escassez no Sul de Angola», no qual a autora procura explicar o problema da escassez alimentar no mundo rural do sul de Angola, tendo em conta as vivências das próprias populações.

A concluir, afigura-se pertinente referir que a obra em apreço, que se apresenta bem estruturada e faz uso de uma linguagem acessível a um público não especializado, sem que sejam postos em causa o rigor e a objetividade que se exigem, convoca o leitor para (re)conhecer e refletir sobre uma realidade incontornável que, apesar da indiferença ou até do desdém com que, muitas vezes, é encarada no tempo presente, não pode deixar de interpelar consciências.

ALEXANDRA ESTEVES

Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais,
Departamento de História | Lab2PT/In2PAST
alexandraesteves@ics.uminho.pt
<https://orcid.org/0000-0003-0660-9485>